



Adriana Capuano de Oliveira: “Nível de consumo é um atrativo que conta muito para os mais jovens”

Quando a vida se esvai entre dois mundos

A socióloga Adriana Capuano de Oliveira, hoje professora da Unesp de Franca, tem os dekassegus como tema favorito desde o mestrado na Unicamp iniciado em 1995, quando o fenômeno ainda não havia ganhado repercussão. “Uma amiga muito próxima do colégio, sansei, foi para o Japão no início dos 1990, momento do *boom*, e começou a me mandar cartas sobre sua vida por lá. Percebi, também, que todos os descendentes que conhecia começaram a ir embora”. Chamava a atenção de Adriana que os não-descendentes, como ela, sempre se referissem a esses colegas como “japoneses”, sem o menor questionamento deles próprios, ainda que nascidos aqui e inseridos na cultura brasileira. “Nas cartas, eles

sempre enalteciam que se sentiam brasileiros, sensação que era muito despertada no Japão. Como ainda não contavam com a rede social que existe hoje, pediam o envio de produtos como cosméticos, bombons e outros alimentos”.

No mestrado, Adriana de Oliveira utilizou como fontes as cartas e entrevistas com retornados da experiência migratória. Através dos relatos, teve a percepção de como se dava a relação dos brasileiros com os japoneses, como o enfrentamento do preconceito e as manifestações de brasilidade: o uso de *bottoms* com a bandeira, a busca por roupas seguindo a moda daqui e a frequência de lojas de produtos e de restaurantes brasileiros, apesar dos preços exorbitantes. Até mesmo o samba e o pagode tornaram-se prazerosos.

Há, também, dekassegus que apreciaram a experiência. No entanto, a pesquisadora ressalta a frequência com que, mesmo aqueles que reclamavam do trabalho pesado, do relacionamento com os japoneses e da saudade do Brasil, acabam voltando ao Japão. “Há uma diversidade grande de motivos, como a dificuldade de recolocação no mercado e os baixos salários. Mas outros, simplesmente, não conseguem mais conviver com problemas como da violência e do trânsito. A expectativa da volta é frustrada e o dia-a-dia fica intolerável”.

Adriana de Oliveira aponta outro aspecto importante a ser considerado, que é o nível de consumo com o qual se habituam os brasileiros no Japão, graças ao salário que não traz preocupações financeiras. “É um atrativo que conta muito para os mais jovens. Se aqui eles precisam fazer contas, lá têm muito mais acesso aos sonhos de consumo. Por

isso, ficam neste vaivém”.

A socióloga atentou para essas pessoas que vivem entre dois mundos quando foi voluntária do Grupo Nikkey, um centro de promoção humana que, além de recolocar dekassegus retornados no mercado de trabalho, conta com especialistas da PUC de São Paulo para um trabalho de orientação. “Eu via muita gente perdida, que não sabe onde ficar, se lá ou aqui. É um problema que pretendo estudar mais a fundo, pois retornar ao lugar de origem e não se readaptar é algo que causa muito sofrimento”.

No Grupo Nikkey, Adriana de Oliveira também conheceu dekassegus que fracassaram nos negócios onde aplicaram suas economias, ou vítimas de assaltantes atrás dos dólares guardados em casa e de seqüestros relâmpagos. “São anos de trabalho perdidos. Nas conversas que organizávamos, essas pessoas eram orientadas a definir qual país adotar e se integrar à sociedade. Caso contrário, elas ficarão à margem, enquanto a vida vai passando, neste vai-e-vem”.

A pesquisadora observa, contudo, que o perfil do descendente que está indo para o Japão já não é daquele que não encontra trabalho ou pretende ganhar mais para juntar dinheiro. “Em geral, ele é de classe média e média alta, com boa formação e que poderia levar uma vida razoável no Brasil”.

Adriana de Oliveira teve a oportunidade de viajar ao Japão em 2002, com bolsa obtida junto à Universidade de San Diego, onde realizou pesquisa sobre a população asiática local e suas relações com o oriente. Pôde constatar, então, que existem lugares se sentiu no Brasil e que os dekassegus não precisam encomendar mais nada pelo correio. “O Japão não é mais um outro mundo”.



A socióloga Elisa Massae Sasaki (à direita): “Agora são outras levas, com pessoas ligadas aos integrantes da primeira”

sistematizadas realizadas no Brasil, financiada pela Fundação Toyota. Como eu estava de férias do curso de ciências sociais da Unicamp e as entrevistas seriam em japonês, entrei como voluntária”.

Brasil cria tradição de emigração

“A partir dos anos 1980, criou-se uma tradição de emigração que nunca houve no Brasil. Por isso, o fenômeno dekassegui vai se manter por muitos anos ainda”, afirma Wilson Fusco, doutor em demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. “A emigração só não é maior por conta das restrições impostas pelos Estados Unidos, sendo que a maioria dentre os que visavam esta rota está mudando a direção para a Europa”.

Wilson Fusco realizou uma pesquisa de campo comparativa com retornados dos EUA e do Japão, em 2001, a fim de evidenciar a importância das redes sociais no enfrentamento de desafios e adversidades para os brasileiros que vivem fora do país. “Na época, a rede social nos EUA funcionava principalmente para atender a os migrantes indocumentados, enquanto que no Japão, para onde os descendentes iam através de agências de recrutamento, com documentação e emprego assegurados, a rede era mais institucionalizada”.

Segundo o pesquisador, as facilidades de transporte e de comunicação oferecem outro pano de fundo ao processo atual, mas ele atribui ao dekassegui um status diferenciado, devido à alteração na lei de imigração do Japão que permite várias entradas e saídas no país. “Acontece que, apesar da diferença na distância, o número de viagens dos dekassegus é bem maior em relação às de brasileiros para os Estados Unidos”.

Por outro lado, Fusco observa que no início do fluxo para os EUA, quem se aventurava ilegalmente no país tinha perfil diferenciado. “Precisava ser uma pessoa com bom nível de escolaridade, bem informada sobre o lugar, as pessoas e a cultura, com habilidades para executar qualquer serviço e com recursos para pagar a passagem. Conforme as redes sociais foram se formando, a seletividade diminuiu. No final do processo, entravam inclusive analfabetos e gente que levava dinheiro emprestado”.

Wilson Fusco concorda com a hipótese de que os dekassegus, a exemplo dos ancestrais no Brasil, estão consolidando uma colônia no Japão, com o aumento do número de residentes permanentes naquele país. “Embora não exista levantamento estatístico do início do século vinte, houve japoneses que voltaram para sua terra. Os que ficaram estão aí até hoje, com sua descendência. Da mesma forma, se muitos dekassegus voltaram, outros acabarão se estabelecendo no Japão, seja pela melhor qualidade de vida, seja pelas vantagens econômicas”.

Na opinião do demógrafo, a retomada do crescimento no Brasil vai impactar menos do que se imagina no fluxo migratório para o Japão, no sentido de preservar principalmente os descendentes mais jovens no país. “Uma vez criado o canal, é difícil interrompê-lo. Caso o Brasil passe realmente a eliminar problemas como os da falta de empregos e da violência, é possível que daqui a muitos anos a emigração cesse e comecemos inclusive a atrair pessoas de países mais desenvolvidos”.

Wilson Fusco acrescenta que uma melhoria das condições sociais no Brasil pode impactar mais rapidamente nos brasileiros que já estão no Japão, desejosos de reencontrar suas raízes. “As pessoas que estão saindo amadureceram esta idéia ao longo de muito tempo, elaborando planos, até tomar a decisão. A simples notícia de que as coisas estão mudando não vai fazer com que desistam”.



O demógrafo Wilson Fusco: “No Japão, a rede social é mais institucionalizada”